

*ave Ave X*

# Sarney trabalhou por impasse na Constituinte, diz Cardoso

Da Sucursal de Brasília

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), 56, disse ontem que o PMDB aprovou o texto sobre garantia no emprego, anteontem, porque contra o acordo voltaram-se três forças perigosas para o Congresso constituinte: o Palácio do Planalto, a ala direita do Congresso constituinte e o empresariado conservador. "O Palácio do Planalto trabalhou contra o acordo porque queria criar um clima de desassossego na Constituinte", disse o senador à Folha.



Fernando Henrique Cardoso (SP), líder do PMDB no Senado Federal

O deputado Cid Carvalho (PMDB-MA), amigo pessoal do presidente Sarney, poupou o governo em sua análise mas acrescentou que o impasse naquele item "provocaria a aliança dos setores extremados do empresariado com os setores extremados da área militar e da área do golpe". Segundo Carvalho, "o jogo extremista" trabalhava contra o acordo firmado anteontem entre a liderança do PMDB e o Centrão.

A "área do golpe", segundo o deputado, inclui "militares da reserva querendo criar condições para

ruptura institucional". Esta área poderia ter o apoio do empresariado eventualmente descontente com um texto sobre garantia no emprego que consagrasse a estabilidade. "Queriam o impasse o Palácio do Planalto, a direita e os empresários que estavam prontos para se voltar contra nós", acrescentou Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado.

O resultado da votação agradou ao

senador Jarbas Passarinho (PA), presidente do PDS e coronel da reserva, que no dia do acordo havia feito um discurso no Senado alertando contra os riscos de golpe de Estado. "A Constituinte deu uma excelente demonstração de entendimento democrático", disse, elogiando a atuação do líder do PMDB, senador Mário Covas (SP).

Para Passarinho, a hipótese golpista "não é um perigo iminente".

## Para Amato, foi aprovada a 'não estabilidade'

Da Redação

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mario Amato, disse ontem que o texto aprovado no Congresso constituinte sobre estabilidade no emprego "representa a não estabilidade", e que por isso o satisfaz "bastante". Para ele, houve uma "demonstração de bom senso, de equilíbrio" por parte dos constituintes.

Amato afirmou porém que com a promulgação do texto os empresários terão "mais um ônus", já que se

prevê a indenização "compensatória". Amato evitou falar no valor ideal dessa indenização, mas disse que "para o empresário quanto menor" ela for melhor.

Sobre a afirmação do deputado Luis Inacio Lula da Silva (PT-SP), de que na votação da estabilidade seria "melhor estar o Mario Amato" presidindo a sessão no lugar de Ulysses Guimarães (PMDB-SP), afirmou que "como piada é muito boa". Acrescentou que Lula "é um vencedor, pois os trabalhadores saíram ganhando" com o texto aprovado.

Mas acrescentou: "É preciso que as razões que podem gerar o perigo não sejam oferecidas." Sua análise é partilhada por Fernando Henrique Cardoso: "Não podíamos correr o risco de jogar o empresariado do lado da direita." O preço de evitar este risco foi a fratura entre a liderança do PMDB e a esquerda.

Isto foi reconhecido pelo deputado Cid Carvalho, que integra a ala

moderada do partido. "O PMDB tinha que dar uma demonstração de maturidade e entrou no seu trilho natural. O MUP perdeu a expressão", disse, referindo-se ao Movimento da Unidade Progressista, que reúne a ala esquerda do PMDB. Dos cerca de 30 "mupistas" só três votaram com a liderança do partido: os deputados Percival Muniz (MT), Darci Deitos (PR) e Valter Pereira (MS).

"Covas pecou no processo de negociação", disse o líder do MUP, deputado Néilton Friedrich (PMDB-PR). "Cometeu um erro tático muito grande, ao alijar as forças mais interessadas, ligadas ao Diap (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, que defende os sindicatos no Congresso constituinte)."

O senador tinha pouco tempo para fazer muitas consultas. Decidiu fechar o acordo com o Centrão a partir de uma consulta informal junto à bancada do PMDB (300 parlamentares). Incumbiu o deputado Geraldo Alckmin (PMDB-SP) de consultar pessoalmente o máximo de peemedebistas possível sobre as várias opções de acordo. Alckmin ouviu 165 dos 300 peemedebistas e 142 apoiaram o acordo. Na hora da votação, 205 peemedebistas seguiram Covas e 72 foram contra o acordo. Ou seja, 75% da bancada do partido.

"Está todo mundo desancando o Covas", disse Alckmin, "mas participou da negociação toda a liderança." Citou especialmente os senadores Fernando Henrique Cardoso e José Richa (PR), e os deputados Antônio Britto (RS), Nelson Jobim (RS) e Pimenta da Veiga (MG), todos do grupo "histórico" do partido. Ontem, Covas se recusou a falar sobre o acordo.



## SARNEY Fº VÊ ACUSADO DE PIANISTA

O deputado Sarney Filho (PFL-MA), 30, conversou ontem com seu colega de bancada Victor Trovão (foto), 66, acusado de ter votado em seu nome na sessão do último dia 9. O filho do presidente José Sarney

estava no Maranhão naquele dia. Trovão afirma que não é o "pianista". "O Trovão não é capaz de lembrar nem o seu próprio código de votação, que dirá o meu", disse Sarney Filho.